Ser pastor, hoje

Da montanha ao queijo da Serra

Neste fim de semana percorremos alguma da história mais antiga e mais recente do meio rural, documentada no património arquitectónico, cultural e natural da Serra da Estrela. Caminhámos de Linhares a Folgosinho, povoações fundadas no tempo dos castros, os romanos também as percorreram. Eram povoações estrategicamente situadas no limite da serra de defesa da bacia do Mondego contra os invasores vindos da península. Iniciámos o passeio no castelo de Linhares, assente num magnífico penhasco e gozando de uma vista única. Almoçámos por entre as casas de pedra, a judiaria, na busca de casas de cristãos-novos, marcadas na ombreira da porta principal por cruzes típicas para pôr os moradores a salvo da inquisição.

A caminhada fez-se a partir de caminhos romanos, prendados com tufos amarelos de giestas em máxima exuberância, cruzando ribeiros onde, como os elefantes andam de nenúfar em nenúfar, tivemos de saltar de pedra em pedra. Felizmente uns braços romanos ainda lá se encontravam e ajudaram as donzelas na "dança das pedras". A terminar o dia, um Fol(e)gozinho, esperava-nos na fonte onde a é água poética: "água e mulher, só boa se quer".

Domingo deixámo-nos levar pelo Luís, filho de um pai pastor e de uma mãe queijeira. Este jovem elaborou o projecto que estruturou a visita no âmbito de um curso de formação profissional. Percorremos os caminhos da sua infância e do seu quotidiano actual pela serra e pelas actividades ligadas à pastorícia: a ordenha, a tosquia e o fabrico de queijo.

Ao longo do percurso, encontrámos vários outros pastores, nomeadamente, o Hermínio, protagonista de um célebre documentário português "Ainda há pastores em Portugal?" que havíamos visionado na véspera. Comes e bebes em plena bacia do Mondego, vale de encostas cobertas a centeio, e casais (casas de pedra) dos pastores. Entradas divinais, almoço de feijoca tradicional, na companhia de ovelhas, cabras, pastores, queijeiras. Baile e jogo da malha, qual romaria. De buxo composto para uma semana, despedimo-nos dos nossos recém e eternos amigos. Teria sido triste, não fosse a beleza natural que nos circundava enquanto acompanhámos o Mondego. No último trecho até Manteigas, faias, castanheiros e cerejeiras ofereceram-nos um verdejante luminoso que adornava a vista sobre Manteigas, essa vila que imita um riacho escorrendo serra abaixo.

Obrigada Veloso, Jonas e Matos Coelho. Obrigada ao Clube!